

**POR UMA EPISTEMOLOGIA DO MILAGRE: UM ESTUDO NA OBRA DE  
FRANZ ROSENZWEIG**

FOR AN EPISTEMOLOGY OF MIRACLE: A STUDY OF THE WORK OF FRANZ  
ROSENZWEIG

José Luiz Bueno<sup>1</sup>

**Resumo:** O filósofo judeu alemão Franz Rosenzweig (1889-1929), especialista no pensamento de Hegel, abandona o hegelianismo e passa a elaborar seu próprio sistema de pensamento, que assume características pós-metafísicas, existencialistas, mas principalmente, que propõem um frutífero diálogo entre teologia e filosofia. Seu pensamento é profundamente marcado por categorias da filosofia do judaísmo, como a própria noção do milagre, a partir da qual Rosenzweig vai repensar a possibilidade de uma filosofia mergulhada na contingência e que, diante do desafio relativista, seja capaz de lidar com a insuficiência ontológica do mundo. A integração entre filosofia e teologia torna-se mais que um resultado, mas uma mútua necessidade para ambas as disciplinas de pensamento.

**Palavras-chave:** pós-metafísica, teologia, filosofia, judaísmo, milagre

**Abstract:** The German Jewish philosopher Franz Rosenzweig (1889-1929), an expert on Hegel, abandoned the Hegelian thinking and built his own system of philosophy, which was characterized by its post-metaphysical and existentialist characteristics, and mainly as a proposal of a fruitful dialog between philosophy and theology. His thinking is highly influenced by Jewish categories of thinking, as the idea of miracle itself. From this idea, Rosenzweig will consider how it is possible to establish a philosophical thinking capable of dealing with a world surrounded by contingency. A thinking capable of facing the relativistic challenge and of handling the ontological insufficiency of the world. This integration between philosophy and theology, more than simply a result will be a mutual need of this two areas of thinking.

**Keywords:** Post-metaphysics, theology, Judaism, philosophy, miracle

## **Introdução**

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia, Doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP, bolsista CAPES-FUNDASP. [jluizb@yahoo.com.br](mailto:jluizb@yahoo.com.br)

A obra do filósofo judeu-alemão Franz Rosenzweig vem sendo objeto de um crescente interesse por pesquisadores em vários países do mundo, especialmente no seu país de origem, a Alemanha, onde se fundou faz alguns anos a Sociedade Internacional Rosenzweig, na cidade de Kassel. Porém também na França, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Argentina, Chile e, mais recentemente no Brasil, onde se estabeleceu uma seção local da Sociedade.

Este crescente interesse, que tem gerado pesquisas e publicações sobre diversos aspectos de sua obra, também tem relação com o conjunto de pensadores por ele influenciados ou a ele associados: como Martin Buber, Gershom Scholem, Walter Benjamin, Emanuel Lévinas, dentre tantos outros.

Uma característica marcante da história pessoal de Franz Rosenzweig é que o filósofo viveu as grandes transformações que ocorreram no início do século XX, na Alemanha e também em toda a Europa. No aspecto de sua vida em seu país, Rosenzweig foi intensamente afetado pelo processo e pela pressão de assimilação a que estava sujeita a comunidade judaica, desde que o processo de emancipação dos judeus como cidadãos alemães havia sido iniciado. A plena incorporação à sociedade alemã dependia de que os judeus assumissem uma vida secularizada ou, então, que fizessem o processo social de conversão ao cristianismo. Rosenzweig passa por um intenso debate interno a esse respeito, motivado especialmente por um profundo e marcante diálogo com Eugen Rosenstock, de quem se tornou amigo e com o qual produziu uma correspondência que marcou profundamente não apenas suas vidas particulares, mas o próprio pensamento filosófico, bem como o diálogo entre judaísmo e cristianismo, como se pode verificar na obra publicada com uma significativa parte da correspondência entre ambos, denominada *Judaism despite Christianity* (ROSENZWEIG, 1969).

Após o famoso diálogo com o amigo, Rosenzweig chega à conclusão de que a única coisa sensata a fazer é passar pelo processo de assimilação convertendo-se ao cristianismo, como o próprio Rosenstock e outros parentes já haviam feito. No entanto, Rosenzweig decide-se por chegar ao cristianismo não como um pagão, mas que seguiria os passos do Apóstolo Paulo, isto é, seria um judeu convertido (GLATZER, 1998, pp. xvi-xvii). Sendo assim, antes da conversão, decide viver o último Yom Kippur em uma sinagoga. Essa experiência, cujos detalhes nunca foram relatados, levou Rosenzweig de volta às suas origens. Ele toma a decisão de não mais se converter: “(A conversão) não mais me parece necessária e, portanto, sendo o que sou, nem mais é possível. Eu permanecerei um judeu” (GLATZER, 1998, p. 28), disse o filósofo.

Somando-se a esse marcante aspecto de sua vida, Rosenzweig tornou-se um especialista no pensamento de Hegel. Sua tese de doutoramento levou o título de “Hegel e o Estado” (ROSENZWEIG, 2008). Entretanto, tendo concluído sua pesquisa em Hegel mais ou menos na época em que passava pela decisão de assimilação, Rosenzweig começa a se afastar do pensamento hegeliano e adota, inicialmente, a via crítica proposta por Schelling. O autor lhe forneceria uma ideia fundamental para a elaboração de seu próprio pensamento: a “filosofia narrativa”, proposta que Rosenzweig afirma ter desenvolvido na segunda parte de sua obra mais importante, *A Estrela da Redenção* (ROSENZWEIG, 1997).

A obra *A Estrela da Redenção* foi redigida por Franz Rosenzweig quando servia ao exército alemão no front dos Bálcãs, durante a Primeira Guerra Mundial. O filósofo ia escrevendo as partes da obra em cartões postais, que eram enviados a sua mãe na Alemanha, e que, mais tarde, foram editados e transformadas em sua obra maior.

O distanciamento do idealismo hegeliano, intensificado pela experiência da guerra, é acompanhado pela adoção daquilo que, futuramente, Rosenzweig chamará de “o método judaico” de seu pensamento. Ao se referir a sua obra *A Estrela da Redenção* em cartas a amigos, Rosenzweig afirmou que o judaísmo não é seu objeto de pesquisa, mas seu método de pensamento (ROSENZWEIG, 1999, p. 30). Esta afirmação se refere à adoção de determinadas categoria do pensamento judaico que se somam aos elementos obtidos de Schelling. Deste último, Rosenzweig se apropriou da já citada filosofia narrativa, que Schelling propôs em seu texto publicado postumamente, *As Idades do Mundo* (SCHELLING, 1993), juntamente com a ideia de uma filosofia negativa e positiva, bem como a noção de filosofia da revelação. A filosofia de Schelling contribuiu majoritariamente com a descoberta do existente singular como algo não apreendido pelo idealismo hegeliano, inserido na classe da filosofia negativa.

Na estrutura de *A Estrela da Redenção*, a filosofia negativa de Schelling, que aponta para o pensamento abstrato segundo a forma idealista hegeliana, é o modelo de pensamento adotado na primeira parte da obra. Segundo Schelling, ela seria incapaz de compreender e assimilar o existente, o singular, e se torna uma filosofia desencaixada da experiência da existência. *A Estrela da Redenção* tem como tema desta primeira parte, ou primeiro livro, a tentativa de dar conta da realidade fragmentada através do esforço racional, mas que tem como ponto de partida a constatação de um nada do saber. A razão se defronta com três elementos fundamentais da realidade, para os quais é incapaz de oferecer uma fundamentação racional: Deus, o Homem, o Mundo. E é nessa condição que a primeira parte os deixa.

A segunda parte, ou segundo livro, de *A Estrela da Redenção*, parte desse estado da razão, mas enfoca a realidade a partir de outra perspectiva. Ao olhar para os três elementos fundamentais do real, a razão os descobre não mais por aquilo que são, pois já teria abandonado o esforço metafísico de defini-los, mas agora os vê pelas relações que estabelecem entre si, constatadas em sua irredutível facticidade. A razão vai agora relatar essas relações, que são: Criação, como a relação entre Deus e o Mundo; a Revelação, como a relação entre Deus e o Homem; e a Redenção, como a relação entre o Homem e o Mundo.

Alguns elementos do pensamento judaico, indicados por um de seus alunos e biógrafo, Nahum N. Glatzer, seriam: a insistência na situação concreta; a importância da palavra falada e do diálogo; a experiência do tempo como não subsumido na historicidade idealista (ROSENZWEIG, 1998, p. 31). A essas categorias, podemos acrescentar ainda o mergulho na contingência e a consciência da insuficiência ontológica do Homem e do Mundo. Por fim, deve-se destacar que o método judaico também se coloca em contraposição ao que Rosenzweig poderia afirmar como o método cristão de pensamento. Nesta perspectiva, a história é vista como um processo cuja resolução é interna a si mesma e está fincada na ideia de que a Redenção estaria garantida pela figura do Cristo e pela presença da Igreja como o elemento assegurador da transmissão da mensagem do Evangelho ao mundo, o que levaria necessariamente a sua Redenção. O método judaico, por sua vez, reconhece que não há uma lógica interna e necessária no processo histórico, até porque a própria existência do povo de Israel é uma refutação dessa visão da hegeliana da história, uma vez que Israel não está sujeito à dialética histórica de Hegel porque representa a eternidade, sendo seu signo no tempo. O método judaico se refere ao processo histórico como constituído, na verdade, pelo mergulho na contingência e na temporalidade. E à Redenção como uma expectativa, não uma segurança de processo determinado de forma imanente na lógica histórica.

A necessidade, descoberta por Rosenzweig, de integrar sua busca de alguma nova sistematicidade no pensamento, que não recaísse nas formas idealistas já abandonadas, às novas categorias obtidas da tradição judaica que havia reassumido, fazem-no perceber que Schelling já não é mais suficiente para seu objetivo. Além desse autor, Rosenzweig vai buscar elementos em Schopenhauer, Kierkegaard e Nietzsche, assimilando também muito do pensamento do importante filósofo Hermann Cohen.

Contudo, um dos elementos mais importantes, que será marcante em toda sua obra, teria sido obtido de Rosenstock. Trata-se do conceito filosófico da “revelação”. A partir do estímulo recebido do amigo, Rosenzweig passou a pensar na revelação como elemento fundamental de “orientação” (ROSENZWEIG, 2000, p. 49) para o pensamento, que, agora, uma vez

abandonada a noção de totalidade proposta por Hegel, vê-se confrontado com o relativismo e mesmo com o niilismo.

Essa discussão em torno da noção de revelação passou a fazer sentido para Rosenzweig na medida em que ele assumiu cada vez mais que o sistema filosófico da totalidade, como proposto na tradição desde Tales até Hegel, foi totalmente fragmentado, tendo sucumbido à realidade existencial do sujeito singular. Rosenzweig argumenta nesse sentido no texto de introdução ao primeiro livro de *A Estrela da Redenção*.

Uma vez que a totalidade está fragmentada e a razão filosófica já não pode oferecer fundamentos universais, definitivos, metafísicos, para o real e, uma vez que o real não pode ser mais dito racional, nem vice-versa, Rosenzweig descobre na noção teológica de revelação o elemento fundamental para sustentar o pensamento racional de forma que esse não sucumba ao relativismo, ao irracionalismo e ao niilismo.

Por sua vez, a noção de revelação mostra que está associada a outro conceito teológico que Rosenzweig assimila e transforma em princípio filosófico: a Criação. No livro primeiro de *A Estrela da Redenção*, Rosenzweig apresenta o funcionamento da razão que descreve os elementos fundamentais da realidade, Deus, o Mundo, o Homem, sem poder fornecer a explicação, a fundamentação racional do ser de cada elemento. Já não há mais possibilidade de uma fundamentação metafísica destes elementos, sua realidade é um dado factual. A razão se defronta com eles e simplesmente reconhece sua realidade empírica. Sendo assim, diz o autor, não sabemos o que é Deus, como não sabemos o que é o Mundo e tampouco o que é o Homem (ROSENZWEIG, 1997, pp. 63, 81, 103).

Ora, algo que está dado na realidade, mas cuja explicação de sua origem, de sua natureza própria, escapa ao domínio da razão, recai naquilo que a experiência religiosa e a tradição teológica classificavam na categoria do Milagre.

Não é por acaso que a introdução ao segundo livro de *A Estrela da Redenção* se chama *Sobre a possibilidade de viver o milagre* (ROSENZWEIG, 1997, p. 135). No entanto, aqui, Rosenzweig já dá conta de toda a tradição de crítica à noção de milagre, como era conhecida tradicionalmente. Sua ótica do milagre parte da noção, que teria recebido de sua tradição religiosa, de que a existência do Mundo é um fato cuja explicação não é alcançável racionalmente. O Mundo, tal como o conhecemos, segundo a tradição teológica judaica que Rosenzweig assimila, não tem autonomia, não é causa de si mesmo, não sustenta ontologicamente a si próprio. O Mundo, como tal, só se apreende sob o conceito de Criação. E a Criação é a clara indicação de que, se há um milagre, este é a própria existência do Mundo. O reconhecimento do Mundo como permeado pelo milagre é o caminho para que a razão possa

se livrar dos enredos das tentativas metafísicas de lhe dar fundamento, num esforço metafísico que levavam, nas palavras de Rosenzweig, a fazer com a razão adoecesse. A recuperação da sanidade da razão passa pelo abandono dos esforços metafísicos de definir “o que é” o Mundo e no mergulho na facticidade de sua existência, na contingência em que ele se dá. Esta razão, livre do peso das abstrações especulativas, reconhece sem traumas que o milagre da existência do Mundo não representa uma deficiência mas a característica que mais lhe exalta a grandeza, uma vez que, se o milagre é a indicação do mistério do Mundo, essa mesma consciência de uma existência concedida é trazida na forma da experiência da Revelação.

Seguindo essa lógica, pode-se notar como Rosenzweig faz uma aproximação da reflexão filosófica não metafísica com a tradição teológica. Ambas, em seu tempo, se encontram em situação precária, dados os desenvolvimentos da crítica teológica, bem como a fragmentação do pensamento filosófico e sua incapacidade de assimilar o contingente e o singular. Entretanto, segundo Rosenzweig, esse diálogo entre filosofia e teologia faria emergir um novo tipo de pensador, um novo tipo de filósofo-teólogo, que não recairia nas formas anteriores de nenhuma dessas disciplinas e que seria capaz de apropriar-se daquilo que cada uma oferece à outra para seu próprio reestabelecimento. Ambas, filosofia e teologia, se necessitam mutuamente e a conexão entre ambas passaria exatamente pelo reconhecimento da singularidade do homem, alcançada pela filosofia, e pela noção de milagre e revelação, reconhecidas e mantidas pela tradição teológica.

É por esta razão que se pode esperar que o milagre, na forma como Rosenzweig o expõe e utiliza, vá de uma categoria do mundo da fé a um sólido apoio ao bom funcionamento da razão filosófica.

### **Considerações finais**

Os três livros que compõem *A Estrela da Redenção*, podem ser relacionados a estas três categorias fundamentais da tradição teológica que Rosenzweig assimila, e indicam a enfoque de cada uma das partes da obra. O primeiro livro, que mostra como a razão filosófica tradicional funciona, ao final apresenta Deus, o Mundo e o Homem, cada um em sua natureza própria, como envoltos no “Mistério”. O segundo livro enfoca a descoberta de que esses três elementos fundamentais só podem ser conhecido por aquilo que fazem uns aos outros, isto é, em suas relações. A primeira relação, e a mais fundamental delas, que permeia as demais, é a da Criação, que, por si só, se compreende como a expressão do “Milagre” fundamental da existência. O terceiro livro, que mergulha na expressão histórica do judaísmo e do cristianismo, e na relação

indissociável de um com o outro, bem como na possibilidade da redenção, dá suporte ao sentimento de esperança dessa futura redenção, que seria a mais elevada expressão da “Misericórdia”. Mistério, Milagre, Misericórdia, estes três conceitos, derivados da extensa experiência da tradição teológica judaica e apropriados por Franz Rosenzweig na forma de conceitos filosóficos, constituem talvez a melhor indicação de como sua obra busca dialogar com a realidade a partir de uma nova filosofia e uma nova teologia, as quais, em resumo, constituem aquilo que ele denomina como o seu “novo pensamento”.

## Referências

GLATZER, Nahum. *Franz Rosenzweig: His Life and Thought*. Hackett, 1998.

ROSENZWEIG, Franz. *Philosophical and Theological Writings*. Transl., ed., coment. and notes by Paul W. Franks and Michael L. Morgan. Hackett Publishing Company, Inc., Indianapolis, 2000.

\_\_\_\_\_. *Hegel e o Estado*. Perspectiva, São Paulo, 2008. Trad. De Ricardo Timm de Souza.

\_\_\_\_\_. *La Estrella de la Redención*. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997. Trad. Miguel García-Baró.

\_\_\_\_\_. *Understanding the Sick and the Healthy. A view of World, Man, and God*. Translated and with an Introduction by Nahum Glatzer and with a New Introduction by Hilary Putnam. Harvard U.P., 1999.

ROSENZWEIG, Franz; ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *Judaism despite Christianity. The “Letters on Christianity and Judaism” between Eugen Rosenstock-Huessy and Franz Rosenzweig*. ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen (ed.). University of Alabama Press, Alabama, 1969.

SCHELLING, F.W.J. *Las Edades del Mundo*. Cerro Alegre, Santiago, 1993. Trad. Hugo Renato Ochoa.